



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

A EMPATIA ESPACIAL e sua implicação nas ambiências urbanas

The SPACIAL EMPATHY and its implications for urban ambiances

La EMPATÍA ESPACIAL y su implicación sobre las ambiencias urbanas

DUARTE, Cristiane Rose de S.

Doutora, Proarq/FAU/UFRJ, crduarte@ufrj.br

RESUMO

Ao desenvolver o conceito de "Einfühlung" na segunda metade do século XIX, o filósofo alemão Robert Vischer buscava teorizar a capacidade de viver uma emoção causada por algo alheio ao nosso "eu", transportando-nos além de nós mesmos. Essa é a origem do conceito de "Empatia" que se refere à capacidade da pessoa compreender os sentimentos de outra a partir de uma postura de reciprocidade, compartilhando seus sentimentos e emoções. É com base nessa noção que o Laboratório de Pesquisa "Arquitetura, Subjetividade e Cultura" (LASC/UFRJ) tem procurado fomentar o desenvolvimento do conceito de "Empatia Espacial", a fim de elencar as características espaciais que permitem que o usuário se sinta acolhido pelo lugar, compreendendo-o e sentindo-se projetado em sua ambiência. A Empatia Espacial torna-se, assim, uma forma de se relacionar com o mundo e tomar consciência dele a partir da experiência sensível. Buscando bases fenomenológicas, este trabalho propõe uma discussão sobre o significado de Empatia Espacial, o que requer reflexões sobre a experiência sensorial do corpo e a alteridade urbana a fim de que se compreenda as possíveis implicações do conceito em projetos de arquitetura e urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE : Empatia Espacial, ambiências, experiência espacial.

ABSTRACT

In the second half of the XIX century, in developing the concept of "Einfühlung", the German philosopher Robert Vischer aimed for theorising the ability to experience an emotion caused by something that goes beyond our "me", which transport us beyond ourselves. This is the origin of the concept of "empathy," which refers to the ability of someone to understand the feelings of another, to feel like the other, to put ourselves in the place of this other and to share their feelings and emotions. In this rationale, the Research Laboratory "Architecture, Subjectivity and Culture" (LASC/UFRJ) has aimed for promoting the development of the concept of "Spatial Empathy". This goal was thought in order to list the characteristics of the space that allow the user to feel comfortable and welcomed by Place, to understand it and to feel designed for its ambiance. Therefore, the Spatial Empathy would be a way for persons to relate to the world and become aware of it from the sensory experience. Based on phenomenological concepts, the aim of this paper is to debate the meaning of Spatial Empathy. This requires an understanding of the sensory experience of the body and the urban otherness. Finally, this paper aims for exploring the possible implications of the concept for architecture and urbanism projects.

KEY-WORDS: Spatial Empathy, ambiances, spatial experience

RESUMEN

Al desarrollar el concepto de "Einfühlung" durante la segunda mitad del siglo XIX, el filósofo alemán Robert Vischer buscaba teorizar la capacidad de vivir una emoción causada por algo ajeno a nuestro "yo", transportándonos más allá de nosotros mismos. Ese es el origen del concepto de "Empatía" que



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

se refiere a la capacidad de la persona comprender los sentimientos de otra a partir de una postura de reciprocidad, compartiendo sus sentimientos y emociones. Es en base a esa noción que el Laboratorio de Investigación "Arquitectura, Subjetividad y Cultura" (LASC/UFRJ), ha procurado fomentar el desarrollo del concepto de "Empatía Espacial", con el fin de enumerar las características espaciales que permiten que el usuario se sienta acogido por el lugar, comprendiéndolo y sintiéndose proyectado en su ambincia. La Empatía Espacial se convierte así, en una forma de relacionarse con el mundo y tomar conciencia de el a partir de la experiencia sensible. Buscando bases fenomenológicas, este trabajo propone una discusión sobre el significado de la Empatía Espacial, lo que requiere reflexiones sobre la experiencia sensorial del cuerpo y la alteridad urbana a fin de que puedan comprenderse las posibles implicaciones del concepto en proyectos de arquitectura y urbanismo.

PALABRAS-CLAVE: Empatía Espacial, ambiencias, experiencia espacial.

1 INTRODUÇÃO: BREVE HISTÓRICO DO CONCEITO

A aptidão do ser humano para compreender o sentimento e as emoções do Outro já era descrita desde a Grécia antiga, mas foi no início do século XVIII que diversos filósofos se dedicaram em sua teorização.

David Hume, filósofo escocês, deixou tratados sobre a "simpatia" que ele definia como sendo um fenômeno pelo qual nosso espírito passa da ideia de nós-mesmos para a de um objeto que nos é caro (Hume, 2001). Outros teóricos, pensadores e cientistas abordaram de forma mais ou menos densa a questão desse "contágio afetivo".

No século XIX, Herder, Herbart e Friedrich Theodor Vischer voltaram-se para a questão estética, do belo, da emoção despertada pela beleza das formas. Este último usou a palavra "Einfühlen" para referir-se à experiência estética através da arte e da forma arquitetônica.

Na segunda metade do século XIX, o filho de Theodor, chamado Robert Vischer, que era filósofo e historiador de arte, conceituou "Einfühlung" que significava a capacidade de imaginar-se no lugar do Outro; de viver uma emoção causada por algo alheio ao nosso "eu", transportando-nos além de nós mesmos¹. O termo "Einfühlung", ao pé da letra, traz o sentido de "unificação do sentimento" e "sentimento interiorizado" e foi usado inicialmente para fazer referência à capacidade de um observador de uma obra de arte sentir uma emoção semelhante àquela do artista que a pintou.

Théodore Lipps prosseguiu a exploração conceitual iniciada por Vischer, imprimindo uma maior abertura a seu significado. Karl Jaspers e Sigmund Freud também usaram e



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

acrescentaram sentidos à noção de “Einfühlung”, que neste momento já se espalhava da noção do corpo - corpo para a noção do espaço - corpo.

No século XX, Edward Tichener, psicólogo inglês e professor nos EUA traduziu “Einfühlung” como “Empatia” procurando deixar clara a diferença entre este conceito e o de “Simpatia”. Foi a partir daí que vários autores se debruçaram sobre esse conceito, passando a lapidá-lo em diversas facetas que passam pela psicologia, fenomenologia, sociologia, antropologia, geografia humana, neurologia entre outras.

2 O PONTO DE VISTA DO OUTRO PARA O OUTRO

A empatia, segundo Berthoz (2014), é a capacidade de colocar-se no lugar do Outro continuando, ao mesmo tempo, a ser “eu mesmo”. Segundo o autor, a empatia exige uma alteração de ponto de vista, pois buscamos compreender o mundo a partir do ponto de vista do Outro.

Para Merleau-Ponty (1975), trata-se de uma relação de reciprocidade, já que o fato de pertencer ao mesmo mundo que o Outro confere ao sujeito a percepção de que o mundo é um elo de ligação entre o “eu” e o Outro. Se o mundo afeta a mim e ao Outro, compreendemos estar envolvidos por uma mesma atmosfera. O mundo é o mediador dessa reciprocidade moral. O autor sugere que esse corpo do “eu no mundo” nos permitirá compreender o Outro a partir de uma analogia de experiências corporais no espaço.

Mas se o reconhecimento do Outro se faz por meio do corpo é, também, neste corpo que o sujeito se ancora no mundo. Como diz Falabretti (2010):

“Eu compreendo o mundo porque estou situado nele e ele me envolve. Compreendo o meu corpo no instante em que experimento o corpo do Outro. A expressão do próprio corpo é, em última análise, o encontro e a comunicação de um correlato significativo dada no corpo do Outro”.(FALABRETTI, 2010 p.528)

Essa forma de relação entre mim e o Outro não é exatamente uma projeção, mas uma atitude de reciprocidade e alteridade. De fato, seria impossível viver a experiência do Outro, já que estamos em nosso corpo e não no dele, mas podemos ser levados a nos imaginar no lugar desse outro, alargando a nossa compreensão das possibilidades e dos significados do



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

mundo. Como diz Zielinski (2009), o fato do mundo ser comum a mim e ao outro permite interpretar o comportamento do outro e o sentido do impacto que o mundo pode ter sobre ele.

Se enfocarmos a empatia como a capacidade de nos transportarmos para o ponto de vista do Outro, parece-nos bastante fácil compreender que a relação com o Outro necessita de um suporte espacial e usa o corpo e sua sensorialidade para existir.

Assim, para o desenvolvimento das discussões sobre a experiência sensível, o conceito de “Ambiências” é particularmente adequado, uma vez que ele joga seu foco na grande gama de experiências sensíveis que a cidade pode proporcionar. Ao abandonar um enfoque apenas morfológico dos espaços, o conceito de “Ambiência” passa a considerar todos os aspectos sensoriais e dinâmicos que envolvem o Lugar urbano e, por consequência, traz à tona a ativação de um corpo 'encarnado', que não se desenvolve sem a presença e a ação do espaço que o circunda.

Ao invés de considerar, por exemplo, uma praça retangular cercada por avenidas, possuindo acessos retilíneos ou ciclovia em sua volta, o estudioso das ambiências verá muito mais o conjunto de sensações que ali se instalam, como o frescor da copa das árvores, o cheiro da pipoca quentinha do carrinho do pipoqueiro da esquina, o barulho do trânsito que afasta as pessoas do lado mais próximo à avenida, o corredor de vento proporcionado pela disposição urbana etc. E ao avaliar essa experiência sensível não apenas se compreenderá o conjunto de sensações captadas pelo corpo através dos sentidos, mas, também, a interação dessas percepções no fruir dos espaços, do lugar. Neste artigo, defendemos a noção de "lugar" como um espaço físico e topológico, não como a noção antropológica de Marc Augé (1994), mas como a desenvolvida por Norberg Schulz (1992) quando da metamorfose entranhada na adoção de um espaço através de nossa compreensão sensível do mundo.

Como dizíamos em trabalhos anteriores, o corpo é o aparelho sensível através do qual interagimos com o mundo. Essa interação acontece numa via de mão dupla pois quando o corpo penetra numa ambiência, ela invade nossos sentidos com sua atmosfera situando nosso “eu” no mundo. Ter consciência dessa interação e reconhecê-la em seu suporte

espacial é uma forma de “alteridade espacial” (Duarte e Pinheiro, 2013). Como sabemos, a “alteridade” significa “tornar-se outro”, alterar-se, tornar-se diferente. O conceito de Alteridade se alicerça na consciência da existência do Outro, de algo além de “mim”, sendo, algumas vezes, definido como o contraponto à identidade. No entanto, muito mais do que um “contraponto”, a fenomenologia aponta a Alteridade como uma relação de interação com o Outro: o “eu” só existe a partir do momento em que tem contato com o Outro. (Duarte & Pinheiro, 2013).

3 EMPATIA ESPACIAL

Entendemos que a empatia é a capacidade de nos transportarmos para o ponto de vista do outro mas é interessante ressaltar que esse Outro pode ser uma pessoa, uma arquitetura ou um espaço livre que está além do corpo que encerra o “eu”. O Outro é a instância simbólica que permite que um (eu) possa se transportar para o ponto do outro.

Como diz Nardi (2009):

“a grande maioria dos autores que fala em alteridade, aponta como "Outro" apenas o ser social, aquele que se relaciona, porém, (...) o "Outro" não é necessariamente o ‘Outro Humano’”.
(NARDI, 2009 s/d).

Neste trabalho, buscamos compreender como a “Empatia Espacial” se processa; como podemos sentir-nos em consonância com um lugar. Portanto, o Outro a ser considerado aqui será o espaço que, mesmo inanimado, personifica-se. O espaço como construção simbólica é o Outro na medida em que, através de suas materialidades, de suas leis e de seus rituais, se interpõe no drama íntimo e familiar dos indivíduos, ligando-os ao grande teatro da coletividade (Uglione, 2008). Ligação, essa, feita das e nas intersubjetividades, que são as experiências humanas no espaço.

Para Benjamin (1994) as mudanças engendradas na temporalidade moderna alteraram drasticamente a relação entre os homens, especialmente a possibilidade e o valor da transmissão da experiência. Para ele, apesar da intensidade com que as pessoas vivenciam o mundo e os eventos, suas capacidades estão reduzidas para transmitir o que experienciam. Um tempo comprimido pela técnica, pelas necessidades da vida prática e pela velocidade, desprovido de qualquer fantasia a respeito do devir, tirou da memória e da transmissão o ofício de ligar o eu ao outro, o passado e o futuro, o presente e o ausente. Quando os modos e as ferramentas de conexão entre as pessoas e as coisas passam a exaltar vivências desprovidas do exercício de transmissão, são as trocas



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

intersubjetivas que, em última instância, estão sendo preteridas, estão sendo consideradas desnecessárias à construção dos sentidos e significados do vivido.

A frase de Merleau-Ponty: "Pode-se dizer ao pé da letra que o espaço se sabe a si mesmo através do meu corpo" (1975:437) parece indicar uma fusão entre corpo e espaço. Este último se personaliza, já que se torna o sujeito da frase, sugerindo assumir as características do corpo que nele se situa.

De fato, a reação entre a empatia e as componentes espaciais não é apenas uma questão de relação-situada e é explicada por diversos estudos da área das neurociências. Tais estudos mostram que existem mecanismos cerebrais complexos e funcionando em rede, que permitem "mudar de perspectiva" espacial e de nos "encarnar" no corpo do Outro, enquanto outros mecanismos permitem ter uma visão mais afastada e impassível da situação. Por exemplo: observar uma pessoa fazendo expressão facial de nojo ativa a mesma região do cérebro que também funciona quando sentimos um cheiro repugnante (Berthoz 2013).

O neurofisiologista francês Alain Berthoz comenta um interessante experimento no qual um grupo de voluntários teve suas atividades cerebrais mapeadas por meio de ressonância magnética funcional. A esse grupo foi mostrado inicialmente uma fotografia de uma boneca sentada no gramado da Villa Savoye, de Le Corbusier. Em seguida, mostrou-se uma outra fotografia de outro ângulo externo da Villa Savoye e perguntou-se aos voluntários se aquela figura correspondia ao ângulo de visão que teria a boneca da foto anterior (Berthoz 2013). Com os resultados do mapeamento das atividades cerebrais desses voluntários provou-se que o processo cerebral responsável pela orientação espacial estimula a mesma região do cérebro que é ativada quando buscamos nos colocar "no lugar do Outro" emocionalmente. Essa necessidade de alteração da perspectiva emocional tem, portanto, sua equivalência no processo de referência espacial.

Da mesma forma, algumas regiões do cérebro que conhecidamente são relacionadas com a experiência motora também são ativadas quando o sujeito apenas vê um objeto que deseja tocar. Olhar uma maçã sobre uma mesa ativa as áreas cerebrais relacionadas com os movimentos que faremos para alcançá-la (os passos em direção a ela, o ato de estender o braço, o toque da fruta nas mãos), assim como as áreas responsáveis pelo sentido do paladar: e ficamos com água na boca. É também esse processo que faz com que ao observarmos um espaço físico ativemos nossa percepção de deslocamento no espaço. Observar um espaço passa a ser, também, situar-se nele.

Partindo do pressuposto que a objetividade / visibilidade do espaço é possível através do estudo 'sensitivo' do que rodeia nosso corpo, é também premissa que o engajamento e a adoção de determinados espaços como mais favoráveis a tal engajamento se deem através de uma transferência de sensações do ponto de partida (o corpo) para o ponto de chegada/ancoragem (o espaço), fortalecendo a noção de 'espaço integral'.

Como comenta Cazal (2014), quando chegamos a um ambiente, somos imediatamente invadidos pela totalidade desse espaço e essa compreensão de sua amplitude nos permite imaginar e determinar quais serão nossos percursos pelo local antes mesmo que comecemos a nos deslocar. Como diz Heidegger:

“quando começo a atravessar a sala em direção à saída, já estou lá na saída. Não me seria possível percorrer a sala se eu não fosse de tal modo que sou aquele que está lá. Nunca estou somente aqui como um corpo encapsulado, mas estou lá, ou seja, tendo sobre mim o espaço”. (HEIDEGGER, 2002, pp.136-137).

A partir da experiência sensorial, nosso corpo constrói, ao longo de nossa existência, as noções da espacialidade que usamos a todo instante no processo de cognição dos lugares. Usamos a memória corporal para nos imaginarmos no espaço: se olhamos para o alto de uma escadaria, anteciparemos o cansaço que será sentido ao chegar ao topo, pois a nossa experiência espacial nos tornou aptos a compreender as distâncias, o esforço e o ritmo que faremos ao nos deslocar e, conseqüentemente, o tempo que levaremos para chegar lá. A experiência do corpo é sempre uma experiência no espaço e no tempo.

Ao nos deslocarmos em nossas errâncias pela cidade, ocorre uma captura incessante de impressões e sensações que desencadeiam um processo de triagem de nossas respostas afetivas proporcionadas pela incessante [re]organização de referências memoriais. Michel de Certeau (2003) enaltece o ato de caminhar não apenas porque é por meio do deslocamento que o indivíduo se apropria do Lugar mas por ser o “passo” uma unidade dinâmica de realização espacial que encadeia relações contratuais com o espaço sob a forma de movimentos. E é justamente essa ação de mover-se pela cidade que nos faz entrar em ressonância com os espaços arquitetônicos [e urbanos] fazendo-nos desenvolver uma empatia positiva ou negativa em relação a eles (Cazal, 2014).

Espaços transformam-se em Lugares quando lhes são atribuídos afetos, nos diz Tuan (1983) e esses afetos, segundo Cazal (2014), nos colocam em acordo ou em desacordo com o Lugar pois nós tendemos a nos projetar nas formas e volumes que nos circundam, em sua atmosfera, em sua



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

ambiência. Desta forma, sujeito e espaço são parceiros na construção do lugar. Como diz Tuan, o espaço é convocado para protagonizar a cena e não somente se prestar de palco.

Ao penetrarmos em determinados locais da cidade, sentimos que sua ambiência se funde conosco: corpo e espaço entram em consonância, construindo a realidade espacial que nos circunda e é com esse corpo alargado pelo campo perceptivo que tocamos e sentimos o que está além das demarcações físicas imediatas, construímos sentimentos que são os nossos mas são também os do lugar que nos envolve. Trata-se da base por meio da qual nos situamos no mundo e atribuímos sentidos, significados e afetos ao espaço por onde circulamos. Assim, posso considerar que um lugar me é simpático ou que um espaço me rejeita; que uma construção majestosa me intimida; que uma praça apinhada de gente é alegre ou, ao contrário, é assustadora.

Encontram-se, na literatura científica, alguns textos que confundem “Empatia Espacial” com a noção de “Pertencimento ao Lugar”, mas são dois conceitos muito diferentes. O sentimento de pertencimento vem de uma necessidade de enraizamento, de criação de laços identitários com o Lugar. A sensação de domínio de um lugar induz a ações apropriativas que demonstram uma necessidade de deixar uma marca pessoal, que atestem seu apego, sua personalização (Moles & Rohmer, 1998). Por sua vez, a Empatia Espacial, como vimos neste trabalho, remete a uma relação de comunhão afetiva com o Lugar. Nosso estado de espírito está em consonância com o local, sem que nós necessariamente tenhamos uma pretensão de domínio.

Segundo Cazal (2014), se nós projetamos no espaço nosso próprio ritmo e emoções, essa projeção interfere na ambiência² própria ao Lugar (2014 s/p) e vice-versa.

Tuan (1983) assevera que precisamos de tempo para conhecer um lugar. Neste caso o autor está se referindo à familiarização com o local, o que pode levar ao sentimento de “Pertencimento ao Lugar”. Mas, por outro lado, o próprio Tuan cita James Feibleman ao dizer que a importância da experiência está mais relacionada com sua intensidade do que com sua extensão. E exemplifica:

“Um homem pode se apaixonar à primeira vista por um Lugar como também por uma mulher. A primeira visão do deserto através de um desfiladeiro na montanha ou a primeira entrada na floresta virgem pode não apenas provocar alegria mas inexplicavelmente uma sensação de reconhecimento como um mundo cristalino e fundamental que sempre se conheceu.” (TUAN,1983, p.205)

Esse amor repentino por um lugar, essa sensação de reconhecimento mencionados por Tuan também nos aproximam da noção de “Einfühlung” descrita mais acima.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO DE ESPAÇOS EMPÁTICOS

O Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura”, vinculado ao Proarq/UFRJ, tem se debruçado sobre as possíveis implicações do conceito de empatia espacial em projetos de espaços arquitetônicos e urbanos. Entendemos que projetar espaços que proporcionem maior empatia espacial nas cidades depende da compreensão do papel das ambiências na geração de afetos pelo Lugar. De fato, o estudo das ambiências abarca não somente os fatores sensíveis do lugar (seus sons, cheiros, luzes e cores, o movimento do ar e das pessoas) ou as sensações de equilíbrio, de amplitude ou confinamento mas, também, sua capacidade de evocar memórias e estabelecer afetos.

Para compreendermos as características dos espaços empáticos, dentre outros exemplos, recorremos a uma lista elaborada pela ONG PPS (Project for Public Spaces)³ que, por meio de uma pesquisa virtual de opinião, elegeu as praças mais desagradáveis do mundo. A análise dos resultados dessa enquete nos confirma que a falta de agradabilidade está relacionada à inexistência de um sentimento de empatia espacial por parte dos respondentes. A maioria dessas praças oferecia dificuldades para o estabelecimento de uma experiência espacial satisfatória, seja pela dificuldade de se caminhar em toda a sua extensão seja por condições de conforto sensorial desfavoráveis ou, ainda, por características relacionadas à dificuldade de construção imagética de seus significados. Esses exemplos ilustram a importância de projetos que levem em conta a experiência espacial para gerar emoções e valores que nos transformam em parceiros das ambiências e mantêm a nossa conexão afetiva com o Lugar.

A observação dos espaços empáticos ensinam-nos a importância da multisensorialidade, do oferecimento de muitas facetas e oportunidades de vivência, das trocas e encontros com o Outro que tanto nos enriquece social e culturalmente. O projeto de espaços empáticos é, também, aquele que considera a dimensão “tempo”: que presta atenção nos ritmos, nos avanços e recuos dos seus usuários. Locais que permitem a pausa e a contemplação são passíveis de nos conduzir ao ritmo do pulsar da cidade.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

A escala e proporção dos espaços pode favorecer uma rápida intimidade com o lugar, mas a monumentalidade e o vigor arquitetônico também podem proporcionar efeitos empáticos na medida em que eles se relacionam com a essência de nossas aspirações.

Espaço empático é, enfim, aquele que permite que nossa memória trabalhe, que permita uma sempre renovada construção de narrativas e uma eterna [re]descoberta de nós mesmos. O conceito de Empatia Espacial ratifica nas reflexões em arquitetura, entre outras, a importância da dimensão de troca, de intersubjetividade, de transmissão, para a imanência do(s) fenômeno(s) espaciais, e para a construção dos sentidos e significados dos lugares.

Concordamos com Cazal (2014) quando a autora assevera que a empatia espacial não é proporcionada pelos volumes construídos ou dimensões do espaço aberto mas é uma característica definidora de nossa experiência no mundo. Muito mais do que uma simples projeção subjetiva, muito mais do que um simples julgamento estético do que nos é agradável ou não, a empatia espacial nos remete à nossa existência física e emocional no mundo.

AGRADECIMENTOS

A redação de um artigo é sempre uma oportunidade de repensar aquilo sobre o que, por tantas vezes, nos debruçamos e discutimos... e de retomar novas ideias, voltar atrás, rever conceitos. No caso deste artigo, tive o enorme privilégio de contar com Ethel Pinheiro e Paula Uglione, pesquisadoras doutoras do nosso laboratório LASC/UFRJ, que leram este trabalho, sugeriram alterações e apontaram possibilidades de aprofundamento. A elas meu reconhecimento e admiração.

Agradeço também a Rubens de Siqueira Duarte pela ajuda nos resumos, além do CNPq, por apoiar as pesquisas que estão na base deste trabalho.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Coleção Travessia do século. Campinas: Papirus, 1994

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

BERTHOZ, Alain. Le changement de point de vue, un élément fondamental de la relation avec autrui et l'empathie. Conferência ministrada no colóquio "Santé mentale, société, cognition" na École Normale Supérieure. Paris, 10 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://savoirs.ens.fr/expose.php?id=1036>



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

- BERTHOZ, Alain. Une Théorie spatiale de la différence entre la sympathie et les processus de l'empathie. In : BOLBOT, Michel ; GARRET-GLOANEC, Nicole ; BESSE, Antoine (orgs). *L'empathie, au carrefour des sciences et de la clinique*. Paris : Editions John Libbey Eurotext , 2014- p.87-108
- BINSWANGER, Ludwig. *Introduction à l'analyse existentielle*. Paris: Les Éditions de Minuit , 1971 (Original publicado em 1930)
- BOLBOT, Michel ; GARRET-GLOANEC, Nicole ; BESSE, Antoine (orgs). *L'empathie, au carrefour des sciences et de la clinique*. Paris : Editions John Libbey Eurotext , 2014
- CAMPANHOLE, Sidney G. & MOURA, Vagner AP. de . Entre o eu e o outro nas relações de subjetividade nas redes sociais. In: *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.6, n.16, p.41-64, fev.-mai. 2013
- CAZAL, Raphaëlle. L'empathie en architecture. Pour une nouvelle compréhension de l'habitation de l'espace. Palestra proferida no âmbito das Rencontres Morel, Pointcultures, Bruxelas. Disponível em : www.youtube.com/watch?v=EfZNg1uFDDA . Publicado em 26 de junho de 2014
- CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2003
- DUARTE, Cristiane & PINHEIRO, Ethel. Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto . In: *Anais do 6 Projetar. O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática*. Salvador, nov. 2013 Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1759/1/CE04.pdf>
- FALABRETTI, E. . A presença do Outro: Inter-subjetividade no pensamento de Descartes e de Merleau-Ponty. *Rev. Filos. Aurora*, Curitiba, v.22, n.31, p.515- 541, jul-dez 2010
- FISCHER, G.-N. *La psychosociologie de l'espace*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981
- HEIDEGGER, Martin. *Habitar, construir, pensar. In: Ensaios e conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002
- HOCHMANN , Jacques. Une histoire de l'empathie. In : Bolbot, Michel ; Garret-Gloanec, Nicole ; Besse, Antoine (orgs). *L'empathie, au carrefour des sciences et de la clinique*. Paris : Editions John Libbey Eurotext Pp.22-54
- HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. São Paulo, Editora UNESP, 2001
- HUSSERL, Edmund. *Chose et espace : Leçons de 1907*. Paris : Presses Universitaires de France, 1989
- LIMA, Elias Lopes de. A Reinvenção da Corporeidade: o cotejo entre a tradição moderna e a indígena. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, 2007
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O Filósofo e sua Sombra. In: *Textos Escolhidos (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural. 1975
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris : Gallimard, 1989
- MOLES, Abraham & ROHMER, Elisabeth. *Psychosociologie de l'espace*. Paris, L'Harmattan, 1998
- NARDI, Simone. Quem são os oprimidos: uma questão de alteridade In: *Pensata animal*. Revista online. nº 25 - Julho de 2009. Disponível em: <http://pensataanimal.net/arquivos-da-pensata/118-simonenardi/303-quem-sao-os-oprimidos-uma-questao-de-alteridade> Visitado em 9 de abril de 2015
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci*. Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1993
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *História de La Arquitectura Occidental*. Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1992
- RIBEIRO, Meire. O corpo como território das experiências pessoais. In: *Consciência Corporal*. Online. Disponível em : <http://conscienciakorpalmeireribeiro.blogspot.com.br/>
- SANSOT, Pierre. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris: PUF, 1997
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983
- UGLIONE, Paula. Arquivo Mnemônico do Lugar : Memória e Histórias da Cidade. Tese de doutorado. Rio de Janeiro : Proarq/FAU/UFRJ, 2008



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

VISCHER, Robert. *Aux origines de l'Empathie*. Nice : Editions Ovidia, 2009

ZIELINSKI, Agata . Chair et Empathie : quelques éléments pour penser l'incarnation comme compassion.
In :Transversalités 2009/4 N° 112. Institut Catholique de Paris . pp187-199

NOTAS

1- Robert Vischer desenvolveu o conceito de **Einfühlung** em sua tese de doutorado “Über das optische Formgefühl “ (O sentimento ótico da forma: contribuição à Estética), defendida em 1873.

2- Em sua fala original, Casal utiliza o termo “climatique” que nós traduzimos aqui por “ambiência”, uma vez que ela está se referindo à atmosfera emocional e física do Lugar.

3- “Project for Public Spaces (PPS)” é uma organização sem fins lucrativos de planejamento, projeto e organização educacional que apoia projetos comunitários de espaços públicos.